

# INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS A PARTIR DO GÊNERO JORNALÍSTICO TELEVISIVO: ELEMENTOS VERBO VISUAIS NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

Vinícius Nascimento - PUC-SP

**RESUMO:** Este trabalho teve por objetivo realizar uma análise descritiva da atuação do tradutor intérprete de libras/português (TILSP) no gênero jornalístico, na esfera de atividade televisiva, a partir da experiência de atuação do autor desta pesquisa como intérprete nesse gênero do discurso. O *corpus* é constituído do recorte de uma edição do *Programa Sentidos* que se caracteriza por uma produção tele jornalística, de domínio público, veiculado por meio de um canal de TV a cabo, disponibilizado na internet posteriormente, com interpretação para a libras durante a exibição. A fundamentação teórico-metodológica constitui-se da teoria do Círculo de Bakhtin, compreendendo os conceitos de *exotopia*, *cronotopo*, *gêneros do discurso*, *enunciação*, *enunciado concreto*, *texto*, *discurso*, *autoria* e *situação extraverbal* como fios condutores da análise do *corpus* que foi transcrito e descrito a partir de um movimento exotópico de deslocamento de sujeito analisado para o de pesquisador, de forma que o pesquisador olhe a si mesmo, considerando os elementos linguísticos e extralinguísticos da língua alvo no ato tradutório/interpretativo, a libras, por meio do sistema de transcrição de língua de sinais ELAN (EUDICO *Language Annotator*) desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics* e utilizado no grupo *Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura e História* na Universidade de São Paulo e no curso de *Letras/Libras* da Universidade Federal de Santa Catarina. A análise mostrou que os elementos verbo-visuais e a totalidade das imagens das reportagens são fatores de modificação das marcas linguísticas da libras como direção do olhar e do corpo e que essas imagens são decisivas para a negociação de sentidos discursivos provenientes dessa esfera no momento da interpretação. A incorporação das formas e delineios das imagens durante a sinalização do TILSP nos mostraram que a totalidade verbo-visual, constituinte dessa esfera, não só interfere na interpretação da língua de sinais, mas também colabora para que o TILSP realize estratégias interpretativas objetivando a transmissão dos sentidos instaurados pelo projeto discursivo dos enunciadores desse gênero.

## INTRODUÇÃO

A legislação vigente prevê e determina a adaptação das diversas instâncias sociais para inclusão de pessoas surdas proporcionando o acesso igualitário às informações e conhecimentos nelas produzidos. Dentre as instâncias sociais, apontadas nas leis, que

necessitam adaptar-se para possibilitar aos sujeitos com deficiências sensoriais, como os surdos e cegos, acesso às informações, destacam-se os meios de comunicação de massa, em especial a mídia televisiva.

O recurso mais adequado para o acesso de surdos usuários da libras à produção cultural audiovisual brasileira é a presença de um Tradutor Intérprete de Libras/Português (TILSP) nas programações exibidas em que o conteúdo em língua portuguesa é interpretado para a libras.

A portaria 310 de 27 de junho de 2006 do Ministério das Comunicações aponta recursos de acessibilidade na televisão para pessoas com deficiência visual e auditiva, dentre os quais se encontra o TILSP que é considerado canal de mediação entre surdos e ouvintes. A norma de acessibilidade na televisão – NBR 15.290 – estabelecida pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) oferece parâmetros técnicos para a captação e edição da imagem do TILSP, porém os aspectos da prática interpretativa na esfera televisiva, e nos diferentes gêneros que circulam nessa esfera, não são abordados nesses documentos o que torna necessários olhares e pesquisas que delineiem a prática do TILSP, contribuindo para a formação de profissionais que atuem nesse campo.

O TILSP, por sua vez, sendo o profissional apontado pela legislação como a ponte de acesso dos surdos à informação veiculada na esfera televisiva, deve ater-se a variedade de gêneros existentes nessa esfera, atentando para as peculiaridades de cada um, analisando a totalidade verbo-visual, considerando os aspectos linguísticos e extralinguísticos que influenciam e/ou interferem no processo tradutório/interpretativo.

Considerando todos esses aspectos, este trabalho teve por objetivo realizar uma análise descritiva da atuação do TILSP no gênero jornalístico, na esfera de atividade televisiva, a partir da experiência de atuação do autor dessa pesquisa como intérprete nesse gênero do discurso. Questionamos que elementos verbo-visuais colaboram e/ou interferem na interpretação da libras no gênero jornalístico, esfera televisiva; como esses elementos afetam as escolhas tradutórias e a construção lexical e sintática na interpretação da libras a partir desse gênero; e quais efeitos de sentidos são produzidos a partir da interferência desses elementos no processo de interpretação do português para a libras.

## **METODOLOGIA**

O *corpus* analisado constitui-se de uma produção audiovisual tele jornalística exibida semanalmente por meio de um canal de TV a cabo e disponibilizado posteriormente na internet, com temática específica sobre a inclusão social das pessoas com deficiência e

aspectos relacionados ao desenvolvimento sustentável. Trata-se de uma edição do *Programa Sentidos* que é proposto e mantido pela AVAPE (Associação para Valorização e Promoção da Pessoa com Deficiência). O programa é interpretado para a libras em um estúdio montado na instituição mantenedora do programa e editado posteriormente. A edição do Programa analisada foi retirada do banco de dados virtual disponível no site <http://www.youtube.com/tvsentidos> que é o canal do *Programa Sentidos* na internet.

A fundamentação teórico-metodológica constitui-se da teoria do Círculo de Bakhtin, mais especificamente dos conceitos de *gênero do discurso*, *enunciado concreto*, *enunciação*, *exotopia*, *cronotopo*, *texto*, *discurso* e *autoria*. Nessa perspectiva teórica o *corpus* é observado, descrito e analisado em sua situação concreta de produção, considerando a situação sócio histórica em que a linguagem é produzida, os sujeitos envolvidos e as coerções presentes na esfera de produção do discurso.

O *corpus* foi transcrito a partir do sistema de transcrição de língua de sinais ELAN (EUDICO *Language Annotator*), desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics* (McCLEARY, VIOTTI, LEITE, 2010) e descrito e analisado a partir de um movimento exotópico: de deslocamento do lugar de pesquisador para encontrar o sujeito do *corpus*. Esse conceito, construído por Bakhtin ([1979] 2010) e aplicado por Amorim (2004; 2008) na prática de pesquisa, constitui-se, essencialmente, de dois movimentos: primeiro o de tentar captar o olhar do outro, de tentar entender o que o outro olha, como o outro vê; e segundo, de retornar ao lugar, que é necessariamente exterior à vivência do retratado, para sintetizar ou totalizar o que vê, de acordo com seus valores, sua perspectiva, sua problemática.

Segundo a autora o *objeto* do pesquisador na verdade é *sujeito* sendo, portanto, um *sujeito-objeto* que é constituído de vozes que são confrontadas com aquilo que o pesquisador deseja encontrar nele. As vozes do *texto* que são instituídas em um constante processo de tecelagem discursiva se encontram e instituem novas vozes por meio do encontro entre aquilo que o pesquisador deseja olhar e o que o *corpus* realmente apresenta. Essa busca do pesquisador pelo seu *outro* monta e remonta uma arena dialógica: o pesquisador, que também é um *outro*, caçando o que o *outro* tem a dizer. Este movimento em direção ao *outro* da pesquisa é iniciado a partir de uma *extraposição*, de um lugar fora do texto, que desloca o pesquisador em um movimento bidirecional: ele se direciona até o seu *sujeito-objeto* ao mesmo tempo em que o *sujeito-objeto* deixa revelar-se por meio da sua materialidade linguística, enunciativa e discursiva.

Nesta pesquisa o processo de busca do *outro* envolve outro tipo de alteridade. Se o pesquisador desloca-se do seu lugar em busca do *outro* presente em seu *corpus* e encontra

esse *outro* nas vozes discursivas do *texto*, aqui o movimento em direção ao *outro* exige um enfrentamento de si mesmo, visto que o pesquisador é o mesmo sujeito empírico presente no *corpus*. Desse modo, o pesquisador está de frente ao *outro de si mesmo*, já que “[...] o outro se torna estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo” (AMORIM, 2004, p. 31).

Esse mover-se em direção ao *sujeito-objeto* exigiu um desprendimento do conceito de que o sujeito presente no *corpus* é o mesmo sujeito que se direciona até ele. Partimos do pressuposto de que o sujeito do discurso presente como intérprete do *Programa Sentidos* difere-se do sujeito do discurso que olha para sua produção discursiva, o pesquisador. O corpo empírico é o mesmo, mas os papéis sociais e, portanto, discursivos assumidos nesses dois espaços diferem-se um do outro. O enfrentamento do *corpus* nessa perspectiva justifica-se pelo movimento “semicircular” em que o *intérprete* descola-se de seu *cronotopo* (espaço-tempo) no *corpus* para assumir um novo *cronotopo* olhando a si mesmo como *outro*, isto é, como *pesquisador*.

No entanto, mesmo assumindo que os sujeitos discursivos diferem-se um do outro pelas condições de espaço/tempo/situação/esfera de produção do discurso, apesar de estarem empiricamente no mesmo corpo, não deixamos de considerar a *tensão discursiva* existente neste tipo de análise. O enfrentamento, por parte do pesquisador, com aquilo que o seu *outro* apresenta no *corpus* (as escolhas linguísticas, seu estilo discursivo e possíveis “erros” de produção de sentido realizados justamente pelas escolhas tradutórias) afetam o olhar, obrigando o pesquisador a considerar e assumir todos os aspectos presentes e não higienizando aquilo que o *corpus* apresenta, e, portanto, não silenciando o que o *corpus* tem a dizer.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a transcrição da materialidade linguística percebemos alteração de dois elementos: o léxico e a sintaxe. O bloco escolhido para transcrição e análise apresenta, na vinheta de abertura, a inserção de elementos visuais e verbo-visuais. O intérprete, em vez de interpretá-los, direciona seu corpo para a imagem que aparece ao lado direito da tela realizando um *apontamento* para a construção verbo-visual disposta ao lado de sua imagem mostrando, portanto, uma alteração na construção sintática. A direção do olhar também acompanha a rotação do corpo e o apontamento para o texto disposto na tela.



Figura (2)

O momento sem produção discursiva do intérprete é o período em que o G.C (Gerador de Caracteres) permanece na tela. O mesmo enunciado que é verbo-visualmente disposto ([programasentidos@avape.org.br](mailto:programasentidos@avape.org.br)) é verbalizado pelo apresentador, mas não é interpretado para a língua de sinais, havendo, portanto uma interrupção na produção da sintaxe em libras (figura 2). No momento em que o apresentador verbaliza o texto visualmente disposto na tela, o intérprete direciona-se para frente e não realiza nenhuma produção discursiva.

A escolha do intérprete em não realizar a interpretação dos textos verbais em língua portuguesa justifica-se pela sua disposição visual ao lado da tela não necessitando de uma transliteração em língua de sinais, visto que a informação verbo-visualmente disposta não teria uma equivalência lexicalizada na libras necessitando, portanto, da soletração das letras do português na língua de sinais.

No processo de interpretação da libras observada no *corpus* notamos que a referência para o discurso presente na língua alvo não é realizado na própria libras, o intérprete direciona a atenção do interlocutor para os aspectos *extralinguísticos*. Nesse caso, a compreensão por parte do interlocutor surdo do enunciado verbo-visualmente disposto está condicionada ao conhecimento da língua portuguesa na modalidade escrita.

Se “[...] compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 137) o intérprete parece, então, qualificar o interlocutor surdo pressupondo a sua compreensão da língua portuguesa oferecendo a ele a possibilidade de apreensão total das informações verbo-visualmente organizadas na tela. Caso o enunciado verbal fosse transliterado para a libras a compreensão do interlocutor em relação ao canal de contato do *Programa* estaria prejudicado, pois o telespectador surdo perderia a informação visual em detrimento da atenção dispensada na compreensão da soletração deste mesmo texto, haja vista a competição visual que se estabeleceria entre o texto disposto na tela e o discurso em língua de sinais.

A ação de “direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo ou com a apontação para o substantivo” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 128) também determina a produção sintática da língua de sinais brasileira. Nos recortes do *corpus* apresentados notamos a movimentação do tronco, o direcionamento do olhar e apontação para os textos verbo-visualmente dispostos como aspectos constitutivos da sintaxe construída na interpretação do português para a libras nesse gênero.

No *corpus* desta pesquisa notamos que há uma recorrência do uso do recurso de tridimensionalidade devido às variações de turno dos falantes em língua fonte, implicando mudanças significativas na produção sintática da interpretação em libras, pois para referenciar os diferentes locutores do discurso o TILSP utiliza esse recurso posicionando-se nos diferentes espaços, direcionando seu olhar e realizando apontações de acordo com o posicionamento discursivo desses locutores na tela e a alteração do turno na língua fonte. Segundo Lawrence (2007), o recurso de tridimensionalidade presente nos discursos em línguas de sinais é frequente quando os sinalizadores querem representar personagens no discurso, marcando-os especificamente em cada ponto no espaço. O direcionamento do olhar dependerá de quem será a personagem, bem como de sua ação no discurso.



Figura (4): Expansão discursiva do objeto de tortura no pescoço

As marcas linguístico-enunciativas da interpretação da libras pontuadas no *corpus* nos direcionam para a leitura dos discursos instaurados a partir deste ato de enunciação que é

determinado pela esfera de produção, pela situação sócio histórica e pela interação entre os falantes da língua fonte. Percebe-se que o TILSP constrói a ponte interativa para a passagem dos sentidos como enunciador/mediador entre a produção audiovisual e o interlocutor surdo a partir de grande apreensão da totalidade imagética contida no todo da reportagem.

Percebemos que os elementos verbo-visuais pontuados alteraram a produção sintática, pois causaram uma interrupção na continuidade linguístico-enunciativa da interpretação em libras, mas não interromperam a fluidez discursiva, visto que o discurso foi composto pela presença dos elementos verbo-visualmente dispostos durante a totalidade da reportagem. O *gerador de caracteres*, as *imagens da reportagem* e os elementos dispostos em *toda a tela* ofereceram para o intérprete a possibilidade de criar sentidos discursivos a partir da presença deles, qualificando o telespectador surdo como capaz de apreender as informações verbais visualmente dispostas na tela e incorporando na interpretação em libras o *tudo* da produção áudio visual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. Exotopia e cronotopo. In: BRAIT, B. *Bakhtin outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 95-113.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

\_\_\_\_\_. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAWRENCE, S. *Expansion and Compression*. VIEWS. Alexandria, EUA: RID – Registry of Interpreters for the Deaf, 2007. (Disponível em: <http://terpsavvy.com/files/userfiles/file/Expansion%20and%20Compression.pdf>)

McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados. *Revista Alfa*. Vol. 54, n 1, p. 265-289, 2010.

QUADROS, R. M. ; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.